

Elis Regina:

entre o canto e a política na década de 1970



Disco *Sesquicentenário da Independência*, 1972, e foto da ficha de Elis Regina no Deops (colagem).

Rafaela Lunardi

Mestre e doutoranda em História Social na Universidade de São Paulo (USP).
rafalunardi9@gmail.com

Elis Regina: entre o canto e a política na década de 1970

Elis Regina: between singing and politics in the 1970's

Rafaela Lunardi

RESUMO

Elis Regina foi uma cantora de grande sucesso nas décadas de 1960, 1970 e início dos anos 1980. Vivendo em um período marcado pelo regime militar brasileiro, a artista e cidadã não se furtou a participar dos debates estéticos e políticos de seu tempo. Na década de 1970, especialmente na sua segunda metade, Elis se consagrou como artista engajada e, por isso, seu nome se ligou às lutas pela anistia e pela redemocratização do Brasil. Dona de uma rica trajetória no âmbito da MPB, ela, a exemplo de outros colegas seus, foi vigiada pelos órgãos oficiais do governo militar, assim como sofreu a “patrulha” da esquerda. Nesse contexto, Elis Regina teve uma carreira atravessada pelas relações com a política, tornando-se uma representante da resistência civil à ditadura militar brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Elis Regina; MPB; regime militar.

ABSTRACT

Elis Regina was a singer of great success in the 1960s, 1970s, and early 1980s. Living in a period marked by the Brazilian military regime, the artist and citizen did not shy away from aesthetic and political debates of her time. In the 1970s, especially in its second half, she was recognized as an engaged artist, which is why her name is associated with the struggle for political amnesty and democratization in Brazil. With her rich trajectory in Brazilian pop music (MPB – Música Popular Brasileira), she was closely watched, as were some of her fellow artists, by military government agencies, as well as “policed” by the left-wing camp. Thus, Elis Regina’s career was permeated by her relations with politics, which made her a symbol of resistance to the Brazilian military dictatorship.

KEYWORDS: *Elis Regina; MPB; military regimen.*



Elis Regina é um dos monumentos da música popular brasileira, cantora que, como poucas, conseguiu reunir reconhecimento crítico (sobretudo nos anos 1970) e popularidade. Sua vida e sua trajetória artística foram e ainda são contadas por biógrafos, por fãs, pela imprensa, por artistas contemporâneos a ela, pela família, por estudiosos, por curiosos e interessados no assunto.

Durante toda sua carreira na MPB, Elis foi insistentemente vigiada pelos órgãos de censura do governo. Um dos acontecimentos mais polêmicos e obscuros de sua trajetória, entretanto, foi seu envolvimento nos festejos promovidos pelo regime militar ligados às comemorações do Sesquicentenário da Independência, durante os “anos de chumbo”, o que lhe valeu o “patrulhamento” de parcela da esquerda. Nossa hipótese é

que esse episódio se tornou central para compreender a postura engajada que a cantora construiu, principalmente a partir da segunda metade da década de 1970.

Analisando o que já se escreveu sobre o assunto, percebe-se que a participação de Elis Regina nesses eventos do representou um impasse em sua história, em função da indefinição de datas e de atividades militares das quais participou. A seguir, apresentamos algumas informações que reforçam essa ideia.

Referindo-se ao episódio, Paulo César Araújo, no livro *Eu não sou cachorro não*, lançou mão de um depoimento de Marcos Lázaro, então empresário de Elis, concedido à jornalista Léa Penteado.¹ Lázaro afirmava que a cantora havia tomado parte em um evento cívico-militar, em 21 de abril de 1972, com intuítos comerciais, tendo em vista que fora muito bem paga. Realizara-se, segundo o entrevistado, um grande *show* organizado pelo Estado militar, com a presença, entre outros, de Roberto Carlos, Ronnie Von e Dom & Ravel.

Em *Furacão Elis*, a jornalista e biógrafa da cantora, Regina Echeverria, escreveu que Elis havia sido convidada (ou convocada) a participar das Olimpíadas do Exército, durante a Semana da Pátria (na cronologia do livro, organizada por Maria Luiza Kfourri, a data da participação da intérprete nessas olimpíadas consta como sendo setembro de 1972).² Echeverria, em depoimento que colhemos pessoalmente, confirmou o comparecimento de Elis a esse evento com uma informação prestada pelo então marido da cantora, o jornalista e compositor Ronaldo Bôscoli. Este teria contado à biógrafa que, na época, Elis tinha declarado na Holanda que “o Brasil era governado por gorilas” e, por isso, os militares a obrigaram a tomar parte nas comemorações de 1972 com o intuito de redimir-se. A biógrafa ainda relatou que Elis, após o ocorrido, passou a sofrer severas críticas de setores da esquerda, representados, sobretudo, pelo cartunista Henfil, que, naquele mesmo ano, a enterrou em seu cartum do semanário *O Pasquim*.³

Porém, em uma entrevista da cantora a Regina Echeverria, publicada na revista *Veja* em 1978, apareceu 1969, e não 1972, como data da Olimpíada do Exército (talvez uma confusão de datas da intérprete? Ou uma tentativa de Elis de minimizar o fato, mostrando que, para ela, a data era irrelevante ou nebulosa?).⁴ Isso à parte, Nelson Motta, em *Noites tropicais* referiu-se também ao e, embora sem datá-lo, ratificou que Elis fora coagida a participar dele, quando mais não seja porque os militares contatavam diretamente o empresário, pagavam o cachê normal dos artistas, buscavam-nos em casa e os levavam para o *show*. Motta apontou que, diante disso, Elis não encontrou saída e cantou nas olimpíadas, motivo pelo qual foi chamada de “traidora” e “amaldiçoada no meio musical”.⁵

O que se nota é que as datas e os eventos eram mencionados, por vezes, de modo impreciso e inexato (1969 ou 1972? Elis cantara no Encontro Cívico Nacional, na Olimpíada do Exército ou em ambos?), confirmando que a participação de Elis nessas festividades militares se converteu, durante muito tempo, em um assunto polêmico. As dúvidas em torno do assunto foram alimentadas igualmente pelo silêncio da imprensa da época: ao menos os jornais de grande circulação nacional, como *O Estado de S. Paulo* e a *Folha de S. Paulo*, de abril a setembro de 1972, não trouxeram quaisquer informações de *show* feito por Elis e outros artistas no período para os militares, em que pese o grande número de notícias sobre as comemorações oficiais do Sesquicentenário da Independência brasileira. Apenas

¹ Ver PENTEADO, Léa. Um instante, maestro! A história de um apresentador que fez história na TV. Rio de Janeiro: Record, 1993, *apud* ARAÚJO, Paulo César. *Eu não sou cachorro não*: música popular cafona e ditadura militar. 2. ed. Rio de Janeiro-São Paulo: Record, 2001, p. 288.

² Ver ECHEVERRIA, Regina. *Furacão Elis*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nórdica, 1985, p. 190 e 191 e 290.

³ Ver *idem, ibidem*, p. 191-195.

⁴ Ver O sinal está vermelho. *Veja*, São Paulo, 25 out. 1978, p. 6.

⁵ MOTTA, Nelson. *Noites tropicais*: solos, improvisos e memórias musicais. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000, p. 261.

⁶ Em meados da década de 1960, Elis Regina chegou ao Rio de Janeiro para se tornar uma artista de sucesso. Vencedora, em São Paulo, do I Festival de MPB da TV Excelsior, com a canção *Arrastão* (de Edu Lobo e Vinicius de Moraes), em 1965, ela se consagrou como uma grande cantora de MPB. No mesmo ano, ao lado de Jair Rodrigues, foi convidada para apresentar o programa semanal *O Fino da Bossa*, da TV Record, que ficou no ar entre 1965 e 1967, passando a ser a maior e a mais bem paga estrela da TV da época. Gaúcha, de família humilde e com estudos incompletos do magistério, Elis não possuía uma formação política e/ou universitária comparável à de Nara Leão, Chico Buarque ou Edu Lobo, jovens artistas do muito elitista meio universitário brasileiro de então. Contudo, a pouca formação intelectual não a impossibilitou de partilhar e, num certo sentido, ajudar a formatar a ideia de “moderna” MPB, interpretando “canções de protesto” e defendendo a música dita nacional. Nos anos 1960, Elis foi apontada por uma parte da crítica especializada (a exemplo de Julio Medaglia, Augusto de Campos e Caetano Veloso) como cantora excessivamente comercial, muito mais apegada às demandas de mercado do que engajada politicamente. No entanto, a constatação de que, a partir de 1967, seu nome, junto ao de outros artistas, compunha a lista dos suspeitos do Dops (Departamento de Ordem Política e Social) permite concluir que ela possuía uma imagem de artista comprometida socialmente desde a segunda metade da década de 1960 até sua morte. Sobre isso, ver NAPOLITANO, Marcos. *Seguindo a canção: engajamento político e indústria cultural na trajetória da música popular brasileira (1959-1969)*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2001, CAMPOS, Augusto de. *Balanço da Bossa e outras bossas*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1986, MACIEL, Luiz Carlos Maciel e CHAVES. *Ângela Eles e eu. Memórias de Ronaldo Bôscoli*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994, RIBEIRO, Solano. *Prepare seu coração: a história dos grandes festivais*. São Paulo: Geração, 2002, ECHEVERRIA, Regina, *op. cit.*, e MOTTA, Nelson, *op. cit.*

Última Hora noticiou a participação de Elis na propaganda do Encontro Cívico Nacional e cobriu, com certa insistência, os festejos relativos a esse evento, e, até onde consta, somente o jornal gaúcho *Zero Hora* publicou informações diárias e detalhadas sobre as Olimpíadas do Exército, já que elas foram sediadas em Porto Alegre.

Antes de analisarmos, propriamente, os polêmicos envolvimento de Elis Regina na programação festiva do Sesquicentenário da Independência, convém esmiuçar umas tantas relações da cantora com o regime militar com o propósito de evidenciar como ela foi vigiada pelos órgãos de censura na década de 1970.

Elis vigiada

Apesar de todas as vicissitudes de sua carreira na MPB, alavancada a partir de meados da década de 1960, foi sobretudo nos anos 1970 que Elis Regina se transformou, historicamente, em uma das representantes da resistência civil aos militares, ainda que, contraditoriamente, sua trajetória no período tenha sido marcada por perseguições dos órgãos de repressão e por participações, até então, pouco esclarecidas em eventos militares.⁶ Seu nome esteve ligado às lutas pela “abertura política” e pela anistia, especialmente na segunda metade da década de 1970, quando ela se somou aos artistas mais politizados, como no caso do *show* “Falso brilhante” (1975-1977).

Nos anos 1960, ainda que, aparentemente, fosse apenas uma cantora de sucesso, Elis já era observada de perto pelos órgãos policiais, especificamente pela polícia política.⁷ Por mais que abrisse um pouco mais seu campo de atuação, voltando a se relacionar com a Jovem Guarda, ao final da década de 1960, por exemplo, ela compunha o círculo de MPB que, afinal, tinha um projeto de oposição aos militares. O aumento da suspeição em torno de Elis, nos anos 1970, exemplifica isso.

Como atração no programa de sucesso *Som Livre Exportação*, da Rede Globo, em 1971, Elis era vigiada pelo Dops, o que pode confirmar que sua imagem era de uma artista, talvez não politicamente engajada, mas que jogava a favor da formação de opinião contrária ao regime. No documento “Pedido de busca. Funcionários e artistas da TV”, o Dops listava uma série de pessoas com antecedentes desfavoráveis, vinculando-os à subversão e à perturbação da ordem.⁸ Assim, eram citados, entre outros, Dias Gomes, Raimundo Fagner, Gianfrancesco Guarnieri, Nelson Motta, Carlos Diegues, Jece Valadão, Mario Lago e Elis Regina.

É interessante salientar que, dias depois, em 18 de maio de 1971, Elis era arrolada na lista dos suspeitos do Dops ainda como artista da Record, em documento idêntico ao arquivado em 28 de agosto de 1967, que tratava os integrantes da emissora paulista de TV e da Rádio Jovem Pan como de “filiação filo-comunista”.⁹ Isso demonstra uma reincidência de informações desatualizadas que foram contínuas até novembro de 1971, transmitindo a impressão de que Elis era artista vigiada, mas, provavelmente, em meio a todos os “perigos” que rondavam o país, ela não era considerada, no momento, uma “urgência de Estado”.

Independentemente disso, a cantora ficaria marcada como opositora do regime militar. Em 11 outubro de 1971, o Dops registrou que ela teria criticado o Brasil em uma entrevista à revista holandesa *Troes Nederland*.¹⁰ Nota-se que foram realizadas investigações e feita a tradução da entrevista para o português, já que, pouco mais de dois meses depois, em 29 de de-

zembro de 1971, o documento “Encaminhamento – Entrevista de Elis Regina contra o Brasil” foi arquivado naquele órgão. Assim, se anteriormente a atenção da polícia política se voltava para todo o elenco da Record ou aos artistas da televisão, de forma geral, agora a se tratava de uma especificar a “perseguição a Elis”

Em tal documento, o Dops anotou que, em âmbito internacional, Elis Regina havia se manifestado contrariamente ao governo, dizendo que os militares eram “doidos varridos” e declarando abertamente que muitos de seus amigos estavam sendo perseguidos sem justa razão. A reportagem de *Troes Nederland* levava o título “A primavera impetuosa de Elis” e o conteúdo dizia respeito à carreira e à vida pessoal da artista. A revista comentava, inicialmente, que Elis parecia muito à vontade quando falava sobre a carreira, porém “tímida” quando questionada sobre a política de seu país. Para a publicação holandesa, isso seria explicável porque suas ideias não se ajustavam às das autoridades brasileiras, motivo pelo qual algumas das canções que interpretava não eram toleradas em sua pátria. Não foi à toa que as declarações de Elis causaram profunda insatisfação nos meios militares:

Eles estão loucos, total e absolutamente doidos varridos. Uma porção de amigos meus estão presos, e o que foi que fizeram? Cometeram crimes? Não, apenas disseram a verdade. Disseram que o regime vigente está completamente errado, e tentaram dizê-lo em canções, filmes e peças de teatro. Até a TV está sob controle. Aqui na Europa se pensa que os brasileiros são muito felizes, muito alegres e animados [...] nós somos melancólicos, não levamos a vida numa boa.¹¹

A revista insistia no tema da “alegria” dos brasileiros, pois, para os entrevistadores, a cantora passava essa imagem. Durante a entrevista, Elis respondeu que isso era próprio de sua personalidade, de seu jeito de achar melhor “ser alegre que ser triste”, citando o trecho inicial da canção “Samba da bênção”, de Baden Powell e Vinicius de Moraes. Quando questionada sobre se achava melhor que o Brasil fosse como a Cuba socialista, ela, talvez receosa, fugiu à resposta, limitando-se a dizer, laconicamente, que não sabia. Interessante perceber que, dissimuladamente, ela falou de modo metafórico sobre o carnaval para se referir à repressão e sobre a “acomodação” dos brasileiros, tidos por Elis como “frívolos”. Nessa linha de raciocínio, afirmava não gostar do carnaval carioca, porque, para ela, somente naqueles dias havia felicidade no país. Ao explicar que se emocionou quando votou como jurada de festival, Elis fez uma crítica à falta de democracia no Brasil. Acabou por expressar seu desejo em desenvolver carreira na Europa, já que, segunda ela, “aqui posso apresentar canções que nunca seriam admitidas no Brasil porque reclamam demasiada liberdade”.

Depois disso Elis foi chamada para depor no Dops. Ao que tudo indica, como estratégia de defesa ela teria escrito uma carta a mão na qual negava as declarações que a revista lhe teria atribuído sobre Cuba e assegurava jamais haver se envolvido com atividades subversivas, tal como no trecho a seguir: “Nunca participei de qualquer movimento [ilegível] ou coisas do gênero de cunho subversivo. Além do mais, em minha vida pessoal, não tenho relacionamento com artistas ou intelectuais, além de encontros ocasionais em restaurantes ou teatros, pois não gosto particularmente do que comumente se chama ‘patota’”.¹²

Até certo ponto, esse texto poderia objetivar redimi-la diante dos

⁷ Isso é atestado por documentos como Informações. Dops, Rio de Janeiro, 28 ago. 1967, e Pedido de busca. Dops, Rio de Janeiro, 30 jan 1969.

⁸ Cf. Pedido de busca. Funcionários e artistas da TV. Dops, Rio de Janeiro, 11 maio 1971.

⁹ Cf. Assunto: infiltração no meio artístico – confidencial. Dops, Rio de Janeiro, 28 ago. 1967, e Informações. Dops, Rio de Janeiro, 18 maio 1971.

¹⁰ Cf. Divisão de Informações. Deops, São Paulo, 11 out. 1971.

¹¹ Encaminhamento – Entrevista de Elis Regina contra o Brasil. Dops, Rio de Janeiro, 29 dez. 1971.

¹² *Apud* PALMAR, Aluizio. Documento confidencial do Exército sobre Elis Regina. Documentos revelados, 05 set. 2012. Disponível em <<http://www.documentosrevelados.com.br/repressao/documento-confidencial-do-exercito-sobre-elis-regina/>>. Acesso em 29 ago. 2013.

¹³ Cf. CORDEIRO, Janaina Martins. Lembrar o passado, festejar o presente. As comemorações do Sesquicentenário da Independência: entre consenso e consentimento (1972). *Anais do XIII Encontro de História ANPUH/Rio*. Rio de Janeiro, 4-7 ago. 2008, e ALMEIDA, Adjovanes Thadeu Silva de. O regime militar em festa: as comemorações do Sesquicentenário da Independência brasileira. In: *A ditadura em debate: Estado e sociedade nos anos do autoritarismo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

¹⁴ Ver BÔSCOLI, Ronaldo. Lobo bobo. O lobo gostou. *UhRevisita. Última Hora*, Rio de Janeiro, 13 abr. 1972, p. 1.

¹⁵ “Hino nacional” (de Francisco Manoel da Silva e Joaquim Osório Duque Estrada). Elis Regina. *Sesquicentário da Independência*, RCA, 1972 (compacto simples, lado A, faixa 2). Atualmente, esse material é uma raridade. Na época da pesquisa, não o localizamos sequer em grandes e importantes lojas de colecionadores de discos de São Paulo e do Rio de Janeiro. Tivemos contato com ele por meio de um colecionador de discos da Bahia, membro do fã-clube de Roberto Carlos, o Clube do Rei, que, generosamente, fotografou a capa do disco e gravou a faixa que contém o “Hino nacional”. O áudio pode ser ouvido na faixa 20 do CD anexo à minha dissertação de Mestrado, disponível na Biblioteca Florestan Fernandes, da FFLCH/USP. Ver LUNARDI, Rafaela. *Em busca do Falso Brillante: performance e projeto autoral na trajetória de Elis Regina*. Dissertação (Mestrado em História Social) – FFLC-USP, São Paulo, 2011.

militares pelos “erros” que cometera ao emitir opiniões contrárias ao governo. Seja como for, suas declarações também podem ser compreendidas em função uma pressão típica do meio artístico da época, que reclamava a necessidade de engajamento, ainda que moderado, para um artista afirmar-se no campo da MPB. Assim, o profissional e o político se mesclavam com o intuito de gerar uma identidade simbólica na esfera cultural e artística, o que, naturalmente, era acompanhado de perto pelo regime. Mais tarde, todavia, Elis seria visada não só pelo Dops, como também por segmentos da esquerda brasileira.

Elis “patrulhada”

Em 1972, o governo militar, como já mencionamos, organizou uma grandiosa festa em comemoração ao Sesquicentenário da Independência. Inúmeros eventos compostos de atividades cívicas, esportivas e culturais foram preparados desde o início do ano.¹³ Dentre eles, alguns obtiveram notoriedade na imprensa de grande circulação, como a vinda dos restos mortais do imperador D. Pedro I para o Brasil – com direito a cortejos solenes em algumas cidades brasileiras – e o Encontro Cívico Nacional, do dia 21 de abril, com discurso do presidente Garrastazu Médici no estádio do Morumbi, em São Paulo, seguido da execução do Hino Nacional transmitido para as principais cidades brasileiras via rádio e TV. A atividade esportiva, Olimpíadas do Exército, realizada em Porto Alegre, foi igualmente um evento de grande magnitude, embora praticamente sem contar com cobertura nos periódicos brasileiros da “grande imprensa”.

Enquanto a esquerda e todos os opositores do regime militar repudiavam os preparativos do Sesquicentenário da Independência do Brasil, por se constituir em mais uma promoção do nacionalismo militar e de direita, Ronaldo Bôscoli, então marido de Elis Regina, na sua coluna do jornal carioca *Última Hora*, enaltecia a organização dos eventos. Ele informou que a Caixa Econômica Federal e a Shell financiariam os espetáculos produzidos para o governo, acrescentando que caberia a tais empresas pagar os cachês de Elis Regina, Roberto Carlos, Wilson Simonal e outros mais. Bôscoli, que sempre foi politicamente conservador, manifestou seu apreço a essa iniciativa e parabenizou artistas, governo e empresas patrocinadoras.¹⁴ Assim, a partir de 1972, Bôscoli, ao lado de Elis Regina – que dias depois participaria dos festejos militares –, passou também a ser “patrulhado”.

No caso de Elis Regina, para surpresa dos críticos da ditadura, ela esteve na TV e no rádio propagandeando o sesquicentenário, cantando alegremente o “Hino nacional” e convocando toda a população brasileira a participar do Encontro Cívico Nacional, no feriado de 21 de abril. Devido à falta de fontes que documentem esse episódio, tendo em vista as dificuldades de acesso aos arquivos das emissoras de TV e de rádio, encontramos tão somente um compacto simples gravado em comemoração ao Sesquicentenário da Independência (ver figura 1). Nele se ouvem Elis, Roberto Carlos e Pelé cantando o “Hino nacional” e chamando a população para a abertura do evento, muito provavelmente da mesma forma que fizeram nas rádios e nas TVs. E, nessa gravação, Elis dizia antes da execução do hino: “Eu queria convidar vocês para uma festa monumental que vai reunir todo o povo brasileiro. E nessa festa nós vamos cantar a música de maior sucesso em todo o país. Vamos ensaiar? [...] ‘Ouviram do Ipiranga às margens plácidas [...]’”.¹⁵



Figura 1. Elis na face A do disco *Sesquicentário da Independência* (RCA, 1972). Detalhe da capa (acervo pessoal de João Francisco dos Santos Sobrinho; fotografia de João Francisco dos Santos Sobrinho, tirada em fev. 2010 e publicada com sua autorização).

Como prova de que Elis esteve mesmo na TV, conclamando todos à participação nos eventos militares, encontramos uma nota em *Última Hora*, escrita por Ronaldo Bôscoli, que, até onde consta, foi o primeiro a se manifestar sobre a propaganda realizada pela cantora. Saindo em sua defesa, o jornalista elogiou sua *performance* e disse ter apreciado toda a campanha de civismo apresentada pelas TVs cariocas. Particularmente, quanto à atuação de Elis na propaganda televisiva, Bôscoli comentou que ficou emocionado ao assistir a uma artista “tão simpática” e “tão comunicativa”¹⁶ ao convocar a população para cantar o “Hino nacional”.

Em depoimento à jornalista Regina Echeverria, o cartunista Henfil, franco opositor ao regime militar, irmão do sociólogo e, naquele momento, exilado político, Betinho, também confirmou haver visto a propaganda com Elis Regina na TV. Diferentemente de Bôscoli, ele ficou perplexo. Henfil trabalhava em *O Pasquim* – jornal semanal, de posicionamento político mais à esquerda e de humor crítico –, e não demorou em investir contra Elis Regina, o que pôs em questão sua imagem de *persona* comprometida artística e socialmente.

Além das propagandas, a cantora fez um *show* na sessão cultural da III Olimpíada do Exército, realizada em Porto Alegre. O evento, de acordo com a revista *Manchete*, foi “organizado nos moldes dos modernos jogos internacionais” e “houve também mostras culturais e artísticas”, com renomados cantores brasileiros, tal como se lê na reportagem:

*Só na parte musical estiveram presentes alguns dos mais importantes cantores do país, como Os Mutantes, Jair Rodrigues, Claudete Soares, Elza Soares, Martinho da Vila, Wilson Simonal, Elis Regina, Trio Mocotó, Antonio Marcos, Beth Carvalho, Vanusa, Erasmo e Roberto Carlos, Rosemary, Vanderlei Cardoso, Luiz Gonzaga, Teixeira, Os Incríveis, Antonio Carlos & Joca, Jorge Ben, Marcos Valle, Liverpool Sound, Guarabyra, Clara Nunes, Ronnie Von e outros.*¹⁷

¹⁶ BÔSCOLI, Ronaldo. Lobo bobo. O lobo gostou. *UH* revista. *Última Hora*, Rio de Janeiro, 10 abr. 1972, p. 1.

¹⁷ A festa olímpica do Exército. *Manchete*, Rio de Janeiro, 20 maio 1972, p. 124 e 125.

¹⁸ Ver Fim de semana foi uma festa. *Zero Hora*, Porto Alegre, 2 maio 1972, p. 30 e 31.

¹⁹ Como exemplo, ver *Show* de Roberto Carlos encerrou a Olimpíada. *Zero Hora*, Porto Alegre, 8 maio 1972, p. 1 (capa), Fim de semana foi uma festa. *Zero Hora*, Porto Alegre, 2 maio 1972, p. 30 e 31. Sabe-se, pela exposição *Elis Regina 30 anos*, que percorreu São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, em 2012, que existe um registro fotográfico de Elis no evento, porém, na época, como dissemos, a imprensa não divulgou nenhuma foto dela. Tal exposição contou com o acervo pessoal da artista, guardado, até então, pela família, e com doações de materiais de fãs-clube de todo o país. Infelizmente, não sabemos quem foi o autor dessa foto, de qual acervo ela foi extraída, nem onde (e se) foi publicada em algum periódico.

²⁰ JAGUAR. Picadinho. *O Pasquim*, Rio de Janeiro, 18-24 abr. 1972, p. 17.

²¹ *O Pasquim*, Rio de Janeiro, 25 abr.-1º maio 1972, capa.

Elis Regina se apresentou no dia 2 de maio, no ginásio do Grêmio, ao lado de Peri Ribeiro e Martinho da Vila, conforme a programação da sessão cultural das olimpíadas veiculada em *Zero Hora*.¹⁸ Ao contrário do que aconteceu com o *show* de Jair Rodrigues, dias antes, em 30 de abril – noticiado com fotos e elogios da festa que proporcionou aos atletas militares –, ou de Roberto Carlos – que fez o encerramento do evento –, a apresentação de Elis não foi noticiada no dia seguinte no jornal, tão pouco foram divulgadas imagens suas, como se pode conferir no noticiário diário do periódico gaúcho.¹⁹

Como já apontamos, sua presença nas comemorações militares repercutiu de maneira negativa em sua carreira, afetando a imagem de artista socialmente comprometida, intelectualizada ou de laços com a esquerda. A primeira dessas menções negativas a Elis Regina apareceu em *O Pasquim*, de 18 a 24 de abril de 1972, de forma muito sutil. Ao final de uma página, no canto inferior esquerdo, no último de três cartuns “rápidos” de Jaguar, chamado “Picadinho”, apareciam dois personagens conversando. Um deles perguntava: “E a Elis Regina, hein?”. O outro respondeu fazendo um movimento de “negativo” com as mãos, em sinal de desaprovação (ver figura 2).²⁰



Figura 2. Jaguar. Picadinho. *O Pasquim* (acervo ECA/USP; reprodução no

Na edição seguinte, de 25 de abril a 1º de maio, havia três referências pejorativas a Elis Regina. Na capa do periódico, entre as chamadas “Um strip-tease da pesada”, “Mr. America mora na Casa Branca”, “O maior boêmio do Brasil (no tempo)” e outras mais, aparecia “E a Elis, hem?” (ver figura 3).²¹ Foi exatamente nessa edição que Henfil expôs aos leitores a decepção com a cantora pelas “relações” com os militares, os mesmos que forçaram seu irmão Betinho – ativista sindical da AP (Ação Popular) engajado na luta contra a ditadura militar – a exilar-se em vários países por ser considerado “inimigo político” do Estado brasileiro em 1971.



Figura 3. Capa de *O Pasquim* com referência a Elis Regina (acervo ECA/USP; reprodução nossa).

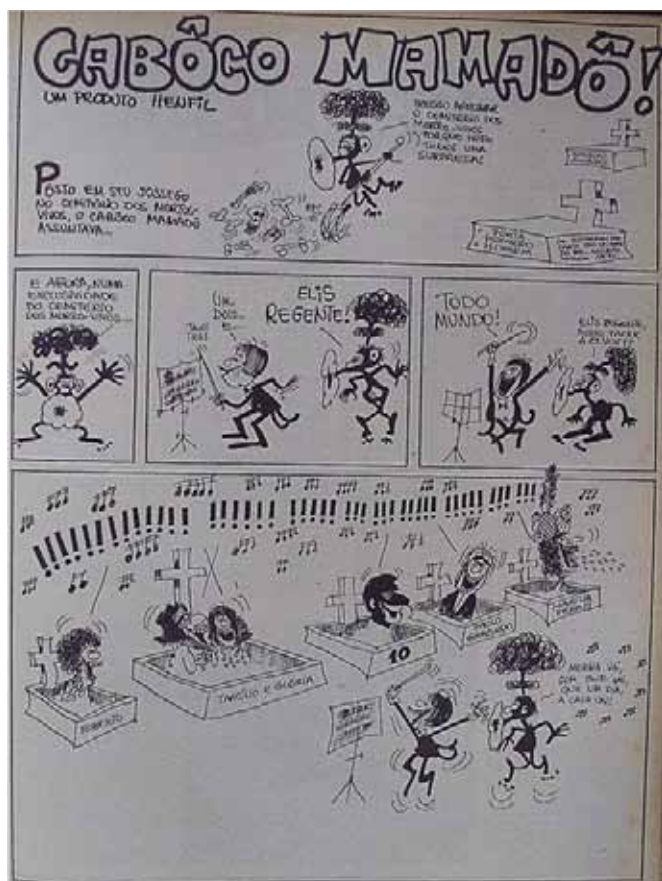


Figura 4. Henfil. Elis Regente (acervo ECA/USP; reprodução nossa).

²² Em depoimento a Regina Echeverria, Henfil comentou que, realmente, viu Elis Regina de fraque na TV como que regendo uma orquestra na propaganda de convocação da população para o Encontro Cívico Nacional. Ver ECHEVERRIA, Regina, *op. cit.*, p. 191. Porém, é provável que isso imagem tenha sido fruto da imaginação do cartunista, uma vez que não foi possível confirmar essa informação recorrendo a outras memórias ou a gravações televisivas. Talvez a “visão” de Henfil se deva ao fato de Elis cantar o “Hino nacional” com um coral e, em seguida, todos passarem a ser acompanhados por som orquestrado. É admissível, ainda, que nas imagens de TV, durante a propaganda, Elis fizesse gestos de maestrina, mas isso, repetimos, não é passível de confirmação.

²³ Há que se considerar que o Cabôco Mamadô e seu “Cemitério de mortos-vivos” já se constituía em um espaço de crítica de Henfil a todos àqueles que, de um modo ou de outro, eram considerados como simpatizantes ou apoiadores do regime militar. Por essa via, com criatividade, humor e para demonstrar seu inconformismo, Henfil criou um cemitério de pessoas que, na verdade, estavam vivas.

²⁴ HENFIL. Cabôco Mamadô. *O Pasquim*, Rio de Janeiro, 25 abril-1º maio 1972, p. 7.

²⁵ *O Pasquim*, Rio de Janeiro, 25 abril-1º maio 1972, p. 23.

²⁶ ZIRALDO. ZVT (Ziraldo vê TV). *O Pasquim*, Rio de Janeiro, 2-8 maio 1972, p. 8 e 9.

²⁷ HENFIL. Cabôco Mamadô. *O Pasquim*, Rio de Janeiro, 2-8 maio 1972, p. 3.

De nome “Cabôco Mamadô, um produto Henfil”, o cartum dessa edição de *O Pasquim* mostrava Elis Regina como a personagem “Elis Regente”, possivelmente devido à propaganda televisiva e à gravação do disco em que cantava o “Hino nacional” ao som de orquestra.²² No quadrinho, a personagem ela fazia um *show* exclusivo para Tarcísio Meira e Glória Menezes, Paulo Gracindo, Roberto Carlos, Pelé e Marília Pêra no “Cemitério dos mortos-vivos”.²³ A personagem, vestida de fraque, atacava, alegremente, de maestrina, enquanto o Cabôco, cantando em segunda voz, entoava ao seu lado um trecho da música carnavalesca “Vai com jeito” (de Braguinha, 1957): “menina vai, com jeito vai, que um dia, a casa cai!” (ver figura 4).²⁴

Na página 23 dessa edição do jornal havia mais uma referência a Elis. O semanário noticiava como “Informe especial” do personagem Cabôco que, “depois de suas últimas atuações em comerciais da TV, nossa intérprete popular vai trocar o seu nome de Elis Regina para Elis Regente”.²⁵

Ziraldo também entrou na onda de desvalorização de Elis Regina assinando o cartum “Ziraldo vê TV”, na edição seguinte de *O Pasquim*. Desenhando algumas pessoas conversando em torno de uma TV, o cartunista teve o intuito de mostrar a interferência do aparelho na educação e na formação da consciência da população. Um dos personagens criados pelo cartunista (o terceiro, da esquerda para a direita) dizia: “meu filho quer ser regente para fazer comerciais”, numa referência direta a “Elis Regente” (ver figura 5).²⁶



Figura 5. Ziraldo. Crítica a Elis “regente de comerciais” (acervo ECA/USP; reprodução nossa).

Porém, foram os cartuns de Henfil que ficaram famosos naquele momento. E ele continuava sua “perseguição” a Elis, “enterrando-a”, “com tristeza n’alma”, como escreveu, no “Cemitério dos mortos-vivos” do Cabôco Mamadô.²⁷ Nesse quadrinho, Elis bravejava com os humoristas que não aceitavam que cantores fizessem algumas concessões para arrecadar dinheiro para sobrevivência e solicitava, efusivamente, ao Cabôco que providenciasse sua reencarnação de uma vez por todas. No entanto, a personagem da cantora ponderava e afirmava que, de fato, não precisava do dinheiro, entristecendo-se. Mamadô, atendendo ao pedido de “Elis Regente”, reencarnou-a em um toque de magia e a transformou no cantor Maurice Chevalier. Achando isso genial, a personagem perguntava a Cabôco em que ano eles estavam, e Mamadô lhe contou que era “15 de janeiro de 1945, [...] ano [em que] Maurice Chevalier, convidado por Hitler, fazia um *show* na Alemanha”. A historietta terminava com “Elis Regente” estarecida diante da plateia que a cumprimentava com a saudação nazista

(ver figura 6). Era a forma de Henfil deixar claro que, em sua opinião, Elis Regina havia feito concessões vergonhosas aos militares, vendendo-se.

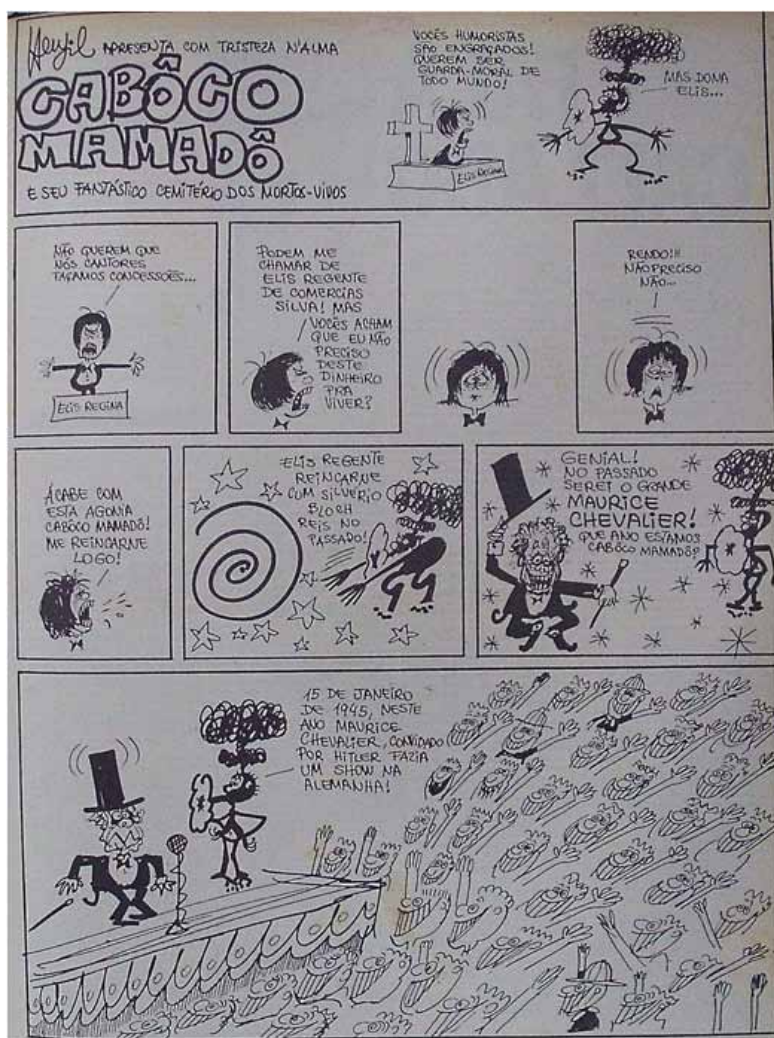


Figura 6. Henfil. Elis como Maurice Chevalier (acervo ECA/USP; reprodução nossa).

Esse tipo de situação embaraçosa, que implica questões de cunho ideológico, marcou a carreira de Elis Regina, tida como cantora séria, comprometida e intelectualizada, imagem pública que vinha se constituindo acima de tudo nos anos 1970.²⁸ A participação da artista nos eventos culturais e cívicos promovidos pelos militares parecia ser uma terrível “mancha” em sua trajetória, ela que, desde 1964, cantava o nacional-popular com um viés de esquerda e se colocava na mídia como uma artista engajada. Tanto foi assim que os episódios citados, somados à participação de Elis Regina no programa da Rede Globo do dia 7 de setembro de 1972, o “Sesquicentenário Especial”, foram praticamente “deletados” da história da MPB.²⁹ Talvez isso tenha se verificado por causa dos parcos estudos referentes à vida artística de Elis Regina ou, até mesmo, do ocultamento intencional de episódios “danosos” à sua imagem pública.

Para além da conversa franca que teve com Henfil, uma das primeiras tentativas de reconciliação pública de Elis Regina com a esquerda, ou com os setores mais politizados da sociedade civil brasileira, foi a sua saída da TV Globo, uma emissora inequivocamente pró-regime e que cedera

²⁸ A construção da imagem pública da artista é examinada em LUNARDI, Rafaela, *op. cit.*, cap. 4.

²⁹ Uma nota publicada pelo jornal *O Globo* dava conta de que Elis estaria nesse programa, entretanto não encontramos mais informação a respeito disso, em que pese o número de periódicos pesquisados nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. A nota trazia a informação de que Elis participaria do programa ao lado de Roberto Carlos, Chico Anísio, Antonio Carlos & Jocaí, Ronnie Von e Eliana Pittman. Cf. *O Globo*, Rio de Janeiro, 07 set. 1972, p. 12.

³⁰ Ver Televisão: Elis não especial. *Veja*, São Paulo, 21 jun. 1972, p. 96.

³¹ Cf. ECHEVERRIA, Regina, *op. cit.*, p. 191-193.

³² Apesar da censura, a música popular brasileira, especialmente a ligada à MPB, parecia “superar as desconfianças do regime militar, conciliando sucesso de público (principalmente entre as camadas mais cultas e de maior poder aquisitivo) e reconhecimento da crítica especializada”. NAPOLITANO, Marcos. *A Música Popular Brasileira (MPB) e a oposição ao regime militar – 1969/1981*. Relatório técnico-científico/CNPq/MCT, 2008, digit.

³³ Cf. MIDANI, André. *Música, ídolos e poder: do vinil ao download*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 155 e 156.

³⁴ ECHEVERRIA, Regina, *op. cit.*, p. 291.

³⁵ MOTTA, Nelson, *op. cit.*, p. 263.

seu elenco para as comemorações militares no ano de 1972. Consta que, apesar do programa *Elis Especial* ser um sucesso e um dos mais baratos e bem cuidados programas da emissora carioca, Elis rescindiu contrato com a Globo e preferiu apresentar-se mensalmente na nova fase do programa Flávio Cavalcanti, na TV Tupi. Na ocasião, uma revista de grande circulação comentou que o “*Elis Especial*” não tinha mais momentos tão líricos como os do dia da estreia, sobre o circo, e que Elis justificara a saída da Globo sob a alegação de cansaço.³⁰

A conversa com Henfil é aqui tomada como uma reconciliação com a esquerda e também uma declaração pública porque, em vez de se restringir a uma conversa íntima, aconteceu na mesa de um restaurante, em meio a uma série de pessoas que, ao perceberem o tom do diálogo entre Elis e Henfil, começaram a se sentir muito constrangidas. O próprio Henfil declarou em entrevista a Regina Echeverria que Elis, chorando, mostrou-se arrependida e afirmou que fora obrigada a cantar nas Olimpíada do Exército para conseguir o seu perdão.³¹ Até onde se sabe, dias depois o cartunista desenterrou “Elis Regente” do “Cemitério dos mortos-vivos”, passou a ser um grande amigo da cantora e declarou que se arrependera de tê-la “enterrado”.

Elis, censura e engajamento

Como a censura, entre 1971 e 1975, teve importante atuação, interferindo na criação musical e na produção de discos, muitos artistas que optaram por permanecer no Brasil, a exemplo de Elis Regina, tiveram de se manter “calados” e/ou se policiar em relação a umas tantas questões de ordem política e social.³² É, exatamente, a partir dessa chave que analisamos as posturas políticas e as manifestações de engajamento da artista durante a década de 1970 até sua morte.

Foi possível constatar que as participações de Elis nas festividades cívico-militares de 1972 efetivamente desagradaram a esquerda e comprometeram sua imagem pública. Passado um ano, e mesmo que procurasse se redimir, a cantora ainda sofria severas críticas, a exemplo do que aconteceu durante a sua fatídica participação no *show* Phono 73, em 1973.

O evento, organizado pelo então executivo e produtor da Philips, André Midani, foi um festival não competitivo, no qual se apresentaram integrantes do elenco da própria gravadora, como Elis Regina, Caetano Veloso, Chico Buarque, Jorge Ben.³³ A presença de Elis, cantando “Cabaré” (de João Bosco e Aldir Blanc), “É com esse que eu vou” (de Pedro Caetano) e “Ladeira da preguiça” (de Gilberto Gil), foi marcada pelas vaias que recebeu da platéia, formada pela audiência politizada da MPB, desde que pisou no palco pela primeira vez. De acordo com Regina Echeverria, a artista se apresentou no mesmo dia do famoso episódio do desligamento dos microfones de Chico Buarque e de Gilberto Gil ao cantarem “Cálice” (de Chico Buarque e Gilberto Gil). Quando alguém do público dirigiu “um gracejo pesado para ela”, como represália às manifestações ofensivas a Elis “Caetano Veloso, na plateia, levanta e grita: ‘Respeitem a maior cantora desta terra!’”³⁴

Segundo Nelson Motta, diante das críticas recebidas Elis teria ficado furiosa, a ponto de mudar drasticamente de atitude e acrescentar uma nova prioridade a seu repertório: “músicas com letras políticas, mesmo que metafóricas”.³⁵ Confirmando nossa hipótese, é possível perceber que seu

repertório, a partir de então, foi recheado de canções de tom mais sério ou socialmente comprometido, referendando novas posturas de uma cantora mais preocupada com as questões políticas nacionais.³⁶

Uma oportunidade encontrada por Elis para sugerir uma imagem mais intelectualizada e preocupada com o social foi sua participação no programa *Ensaio – MPB Especial*³⁷, da TV Cultura, em 1973. Além de apresentar canções mais recentes, incluindo as do novo LP “*Elis*”, a artista aparentou engajamento político com um discurso afinado com a esquerda, talvez com o intuito de “desculpar-se” pelos “erros” cometidos no ano anterior. Dessa forma, sua fala mostrou-se prolixa, sem disfarçar certa tensão e preocupação com relação à censura, à ditadura e à sociedade.³⁸

A imagem de uma Elis Regina mais intelectualizada também ficou nítida em uma entrevista inseridas nas páginas amarelas de *Veja*³⁹ em 1974. Nela Elis se referiu à tristeza que sentia por não ter estudado música, por não ter tido a oportunidade de ver certos filmes que não chegaram ao Brasil e por não poder cantar algumas canções que, por várias razões, não figuravam em seu repertório. As duas últimas decepções apontadas pela cantora podem ser compreendidas como alusões à censura imposta no país.

Seu *show* no Teatro Maria Della Costa, em São Paulo, em 1974, veio referendar essa nova imagem, à medida que mostrou uma cantora mais comprometida socialmente. Uma reportagem da *Folha de S. Paulo* explicitou o maior engajamento de Elis, que, na ocasião, declarou que aquela era uma nova situação e, por isso, havia a necessidade de um esforço maior por parte dos artistas. Com isso, a cantora expressava preocupações e esperanças em um momento assinalado pela luta em favor da democratização da sociedade brasileira.⁴⁰

O sucesso do *show Falso brilhante*, em 1975-1977, recordista de bilheteria e em número de apresentações nos anos de 1970, consagrou mais uma vez Elis Regina e consolidou sua carreira como grande cantora do Brasil.⁴¹ O espetáculo representou o início de uma “nova era” na música popular brasileira, que, de 1975 a 1982, tornou-se a trilha sonora da “abertura”, após o declínio do período mais repressivo da ditadura.⁴² Do ponto de vista do seu comprometimento político, apesar dos discursos nacionalistas no início de carreira, a imagem de Elis Regina como “cantora de resistência” também foi consolidada justamente a partir de *Falso brilhante*, quando a artista se autoproclamou engajada.

Em uma entrevista da época, Elis esclarecia que o trabalho coletivo realizado no *show* era fruto de uma nova consciência que tinha, pois afirmava que antigamente “sabia de tudo, mas não tomava partidos”, e, naquele momento, declarava que não podia ignorar “certos problemas”. Diante disso, e sem muitas “papas na língua”, Elis falou sobre direitos autorais e censura e afirmou, de forma contundente, que nunca teve problemas com os censores. Durante a temporada de *shows*, Elis disse: “Hoje eu sou mamãe coragem que arregaça as mangas e sai pro pau. Chegou um momento que não dava mais pra eu fechar os olhos pra certos problemas. Eu não posso fingir que eles não existem, embora muitas vezes não passe por eles”.⁴³

Essa fala merece atenção, pois, de um lado, vimos que a cantora havia se queixado, em entrevista a *Troes Nederland*, que no Brasil não podia cantar algumas canções que desejava e que era controlada pelo governo. Sendo assim, por que Elis, numa circunstância tão favorável à sua carreira, estaria omitindo as censuras que sofreu? Talvez porque, exatamente naquele momento de grande sucesso, não era interessante remexer em

³⁶ Os álbuns *Elis* (Philips, 1973) e *Elis* (Philips, 1974), principalmente, refletiam um clima de maior tensão, apesar de sempre eclética escolha de repertório de Elis Regina. Até mesmo a produção dos discos deixou essa tensão manifesta, a começar pela elaboração das capas: o LP de 1973 trazia na capa uma foto de Elis cabisbaixa, em branco e preto, e na contracapa a cantora, na mesma posição, aparecia com a cabeça levantada e com ar muito sério; já o LP de 1974, de cor verde-ocre, exibia uma pequena foto do rosto de Elis, séria, de perfil, como um pingo no “i” do seu nome. Essas mudanças também tiveram relação com o início do trabalho com o pianista e arranjador César Camargo Mariano, em 1972, pouco tempo depois seu esposo, e com a mudança de empresário, em 1973 (ela passou a ser empresariada por Roberto de Oliveira e não mais por Marcos Lázaro). Essas questões foram exploradas em LUNARDI, Rafaela, *op. cit.*, cap. I.

³⁷ *Elis Regina. MPB Especial – 1973* (Programa Ensaio, produzido pela TV Cultura), Trama, 2004.

³⁸ Ver LUNARDI, Rafaela, *op. cit.*, p. 228-232.

³⁹ Elis Regina. Quero apenas cantar. *Veja*, São Paulo, 1º maio 1974, p. 3, 4 e 6.

⁴⁰ Ver Começa hoje *show* de Elis em São Paulo. *Folha de S. Paulo* (Folha da Noite), São Paulo, 2 maio 1974.

⁴¹ Cf. ARASHIRO, Osny (org.). *Elis por ela mesma*. São Paulo: Martin Claret, 2004, p. 37.

⁴² Cf. NAPOLITANO, Marcos. MPB: a trilha sonora da abertura política (1975-1982). *Estudos Avançados*, 24(69), São Paulo, 2010.

⁴³ Elis Regina. Vida, glória, amargura. *Última Hora*, *UhRevisita*, Rio de Janeiro, 19 jan. 1976, p. 1.

⁴⁴ ECHEVERRIA, Regina. O sinal está vermelho. *Veja*, São Paulo, 25 out. 1978, p. 3, 4 e 6.

⁴⁵ Ver KUBRUSLY, Maurício. Crítica MPB. Saudade do Brasil. *SomTrês*, São Paulo, jul. 1980, p. 83, 84, 105 e 106.

⁴⁶ FONSECA, Juarez. A face oculta de Elis Regina. *Coojornal*, Porto Alegre, out. 1981, p. 22.

⁴⁷ Ver Divisão de informação. Dops, Rio de Janeiro, 22 jun. 1972.

⁴⁸ Ver Pedido de busca. Dops, Rio de Janeiro, 22 jun. 1972.

velhos baús que continham fatos delicados em sua vida e, com isso, trazer à tona lembranças que contradissem seus posicionamentos presentes.

No momento, Elis dava mostras de uma postura mais ousada ao se colocar a favor da liberdade e exprimir sua esperança de melhores dias para o Brasil e, por isso, sem dúvida, vivia impasses pessoais e artísticos com os militares. A propósito, afirmava que assim se manifestava por opção, vocação e por estar a serviço de “algo maior”, provavelmente como estratégia de afirmação artística.

Em 1978, a cantora estreou um dos espetáculos mais socialmente comprometidos de sua carreira, *Transversal do tempo*. Em função desse *show*, Elis concedeu uma entrevista a Regina Echeverria, publicada nas páginas amarelas de *Veja*.⁴⁴ Com título “O sinal está vermelho”, Elis respondeu a uma série de questões relacionadas à sua trajetória e deixou registrado que *Falso brilhante* foi a eclosão de uma guinada que aconteceu seis anos antes (leia-se 1972, ano da participação da cantora nos eventos militares), assumindo que, nesse meio-tempo, politizou-se mais. Daí que, como concebera Elis, *Transversal do tempo* não era um *show* para dançar, pois se constituía em um recital, porque, nas suas palavras, “a partir do momento em que resolvi que minha arte deve ter ligação com a realidade em que vivo, mínima que seja, lamento imensamente a cara amarrada, a falta de espaço, a falta de amigos”.

A imagem de Elis combatente civil na luta contra o regime militar aparecia com maior insistência, em seus depoimentos, em seu repertório e em suas *performances* de palco desde meados da década de 1970. O *show* de grande sucesso, *Saudade do Brasil*, de 1980, veio reafirmar isso, além de promover a junção entre espetáculo e disco homônimo, este resultado daquele, como comentou o crítico Maurício Kubrusly.⁴⁵

Uma das últimas entrevistas de Elis Regina à imprensa⁴⁶ se deu quando da apresentação do *show Trem azul*, na capital gaúcha. Mostrando-se irritadiça, Elis levantou questões sobre o fato de os grandes compositores, a exemplo de Chico Buarque, estarem, praticamente, parando de compor e do seu pouco entusiasmo com os compositores novatos, porque, para ela, “ninguém fala do que está acontecendo no Brasil”. De forma muito crítica, dizia estar cansada de gravadoras e de música e confessou que, num período anterior, de “vazio profissional”, até mesmo pensou em parar de cantar e suicidar-se. No entanto, Elis concluiu a entrevista afirmando que estava bem e esclareceu que o “trabalho de desobstrução” profissional fora lento e gradual. Percebe-se nesse depoimento uma Elis um tanto quanto polêmica e exagerada, mas ainda engajada na luta pela liberdade no Brasil, imagem que ficou cristalizada na memória de muitos brasileiros: a da Elis Regina temperamental e de comprometimento social.

Fichada até a morte

Há que se destacar que, embora tivesse participado de festividades cívico-militares, entre abril e maio de 1972, Elis Regina continuava constando na lista do Dops, em um documento de 22 de junho desse ano.⁴⁷ A referência a ela ainda dizia respeito à entrevista que concedera na Holanda. Vê-se, portanto, que, mesmo sendo condenada pela esquerda, a cantora permaneceria sendo observada pelos militares como figura “perigosa” à ordem social.⁴⁸ Dessa forma, entende-se que, muito provavelmente, a cantora tenha, a contragosto, feito tais aparições públicas nas comemorações

do sesquicentenário, submetendo-se à coerção militar com o propósito de pagar as “dívidas” contraídas com o governo brasileiro devido às suas declarações no exterior.⁴⁹

Como era de se esperar, *Falso brilhante* também foi objeto de atenção especial do Deops, conforme documento especial de 21 de abril de 1976.⁵⁰ Porém, diferentemente das referências “subversivas” relacionadas a Elis Regina até então – e para nosso espanto, já que tal espetáculo se constituiu na sua apresentação mais abertamente engajada até aquele momento –, os policiais militares não fizeram qualquer menção ao “perigo” representado pelo *show*. Constava no documento que “o expectador que vai ao teatro à procura de entretenimento dificilmente distinguirá qualquer coisa relacionada à subversão, ainda que no terreno filosófico ou cultural”. De três, uma: isso significa que os agentes da ditadura ou não compreenderam a tônica crítica de *Falso brilhante*, dado seu caráter metafórico e o seu mote principal ser a difícil vida do artista, ou preferiram “aliviar a barra” de Elis Regina (em função do *show* obter um grande sucesso, nessa época Elis gozava de imenso prestígio artístico), ou a consideravam como um “caso sob controle”.

Na premiada ducentésima apresentação de *Falso brilhante*, a cantora confessou a *Veja* que tinha preocupações sociais e que passava a perceber que estas surtiavam efeito: “aí é que eu sinto que a responsabilidade e a minha função social como artista começa a tomar proporções”.⁵¹ Talvez por essas declarações mais explícitas, ela foi mencionada duas vezes em relatórios do Deops em 1977. Em 1º de junho de 1977, Elis Regina era fichada com direito a foto, junto com Gianfrancesco Guarnieri, Hebe Camargo e Maria Della Costa, comprovando que era artista visada pelos órgãos de repressão e censura do governo (ver figura 7).⁵²



Figura 7. Foto da ficha de Elis Regina no Deops-SP (acervo Fapesp; reprodução nossa).

⁴⁹ Cf. PACHECO, Mateus de Andrade. *Elis de todos os palcos: embriaguez equilibrista que se fez canção*. Dissertação (Mestrado em História) – ICH-UNB, Brasília, 2009, p. 123-129.

⁵⁰ Ver Divisão de Informações. Elis Regina. Deops, São Paulo, 1976.

⁵¹ 200 vezes. *Veja*, São Paulo, 4 nov. 1976, p. 134.

⁵² Qualificação. Deops, São Paulo, 1. jun. 1977.

⁵³ Movimento estudantil. Informações. Deops, São Paulo, 14 dez. 1977.

⁵⁴ [material microfilmado; título ilegível]. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 13 nov. 1977.

⁵⁵ Ultraje à bandeira nacional em São Paulo. Dops, Rio de Janeiro, 22 jan. 1982.

Em 14 de dezembro de 1977, as fichas do Deops traziam uma referência ao *show Gente*, realizado no Sport Clube Corinthians Paulista, com a presença, entre outros, de Chico Buarque, Elis & Cia., Francis Hime, Ivan Lins, Gonzaguinha e Sérgio Ricardo.⁵³ Nessa ocasião, segundo o documento oficial, alguns jovens tentaram angariar assinaturas do público para periódicos opositores, tais como o *Coojournal*. Por outro lado, uma pasta confidencial foi aberta para comentar a apresentação da cantora argentina Mercedes Sosa no Parque do Ibirapuera, em São Paulo, destacando-se ainda os rumores de que Elis Regina e Chico Buarque gravariam um disco com ela. Em anexo a tal informação, uma matéria da *Folha de S. Paulo* registrava que os discos de Sosa eram proibidos na Argentina.⁵⁴ Assim, mais do que nunca, os passos de Elis Regina eram acompanhados atentamente pelos policiais militares: suas relações com Sosa atestariam que ela era uma presença nociva à manutenção da ordem na sociedade brasileira.

Como percebemos, desencadeou-se uma inegável perseguição a Elis Regina, que se acirrou na década de 1970. Tanto que, em 22 de janeiro de 1982, três dias após o falecimento da cantora, o Dops continuava preocupado com ela. No documento “Ultraje à bandeira nacional em São Paulo” havia a informação de que, no programa *Fantástico*, da Rede Globo, em 14 de dezembro de 1980 Elis estivera, em 14 de dezembro de 1980, com camiseta com a bandeira do Brasil, na qual se lia a inscrição “Elis Regina”, ao invés de “ordem e progresso”.⁵⁵ Devido a isso, o Dops anotou que o *tape* do programa foi censurado e que o seu diretor, José Itamar de Freitas, reconheceu o cometimento da infração. Contudo, o objetivo principal do Dops, no caso, consistia em documentar que no sepultamento de Elis, em 21 de janeiro de 1982, ela usava a tal camiseta, um ato tido como desrespeitoso para com um símbolo nacional. Além do mais, conforme o documento policial, Walter Silva (produtor musical, radialista e figura muito próxima da cantora) admitira que tal fato significava um protesto contra a censura existente no país.

Diante disso tudo, podemos afirmar que, nos anos 1970 e até sua morte, Elis Regina trabalhou em um projeto de modernização musical, intelectualizando-se, politizando-se e engajando-se na luta civil contra a ditadura militar, em uma fase em que a MPB atingira o reconhecimento sociocultural de bom gosto e se colocava como “porta-estandarte” da liberdade e da justiça social. Junto às suas lutas na defesa da música popular brasileira na década de 1960, Elis Regina foi uma artista que vivenciou, atuou e ajudou a configurar todas as etapas de legitimação de MPB e, em meio a isso, sua vida e sua carreira ficaram marcadas por impasses com as forças policiais e os militares em geral.



Artigo recebido em agosto de 2014. Aprovado em dezembro de 2014.